



CINTILAMENTOS

30 08 2025

01 11 2025



Ana Clara Tito
Antonio Lee
Cleméntine Bruno
Danilo Di Prete
Foto Cine Clube Bandeirante
Gabriel Branco
Iah Bahia
Miguel Nassif

C I N T I L A M E N T O S

Desde o início, esta exposição foi moldada pela noção de pathosformeln de Aby Warburg — figuras e dinâmicas que cintilam no tempo — sugerindo uma jornada não linear que dialoga com o tema da Bienal deste ano, Nem todo viandante anda estradas. Como Warburg, tendo a olhar para a história da arte como um campo de afetos e afinidades — um espaço diacrônico onde as obras estão menos presas à cronologia do que à intensidade de suas ressonâncias. Veja como obras contemporâneas de jovens artistas tantas vezes parecem repousar ao lado de criações de tempos e culturas distantes. Às vezes a conexão é evidente; em outras, os artistas se inscrevem numa tradição de modo inconsciente. Diferente da influência intencional, que precede a criação, essas formas emergem no próprio fazer, ligadas ao inconsciente, como se motivos atravessassem o tempo por si mesmos. Vem à mente David Lynch: para ele, ideias são como peixes à espera de serem fisgados, emergindo de um mar coletivo de consciência. Isso ecoa a tese de Warburg de que certos movimentos, formas ou dinamismos visuais sempre retornam, reaparecendo ao longo do tempo em diferentes disfarces — seja em uma gravura do século XVI, em uma tela modernista ou até mesmo em um meme de 2025.

Há exposições que se dedicam a explicar e outras que apenas mostram; na tentativa de evitar o didatismo, espero que Cintilamentos se alinhe a estas últimas. Ela não se organiza em torno de um tema único e concreto, mas de um fio condutor: o rastro, e o modo como gestos e sensações reverberam silenciosamente no presente.

Ao conceber uma proposta sobre o que é efêmero, pareceu inevitável incluir a fotografia: parafraseando Baudrillard, esses registros não são representações, mas rastros sedutores do desaparecimento. As fotoesculturas de Ana Clara Tito levam essa condição adiante, incorporando fotografias — presentes, embora em grande parte invisíveis — em armações industriais de detritos, metal e concreto. Aqui, o desaparecimento ganha peso — dobrado, embutido, tornado tangível — de modo que a imagem já não é apenas mostrada, mas sentida.



Em contraste, as obras do Foto Cine Clube Bandeirante encenam a fotografia como aparência, até mesmo como engano. Oscilando no limite da visibilidade, transformam sombra e luz em um jogo de ilusão. Nesse sentido, a fotografia contida na escultura parece mais honesta do que aquela exposta na parede: ambas se apoiam no desaparecimento, mas de lados opostos — uma incorporada, a outra projetada.

O rastro de uma mudança feita durante o processo de pintura é chamado de pentimento. Ele revela a obra como um processo vivo de revisão e tentativa. Clémentine Bruno cultiva essas marcas deliberadamente, trabalhando na tradição flamenga com gesso sobre painéis de madeira. Para ela, o rastro se torna uma dimensão temporal do fazer, cristalizando outro tipo de cintilação através do tempo.

Do gesto íntimo em Bruno passamos à monumentalidade de Miguel Nassif, cuja pintura é dominada por uma figura carregada de pathos central ao imaginário brasileiro: São Jorge, fórmula de emoção intensa de luta e redenção. Essa forma atravessou geografias e épocas; o guerreiro a cavalo reaparece repetidamente para condensar o drama da batalha.

Nassif, porém, não retrata o santo como ícone fechado, mas como figura em fluxo: traços se inflamam e se dissolvem, deixando partes da tela deliberadamente inacabadas. Suspenso entre presença e desaparecimento, São Jorge emerge menos como emblema fixo do que como sobrevivência — uma energia detida no instante do sumiço.

Já as pinturas de Gabriel Branco partem do brilho em si — cintilações que se deixam ver na tela. Com raízes na fotografia, sua investigação da luz se derrama sobre a pintura, onde cor e forma vibram com uma necessidade íntima de sugerir uma realidade espiritual. Ele parece ter captado a mesma corrente evocada por Matisse, para quem a pintura era “uma boa poltrona que proporciona relaxamento da fadiga física”: também aqui, as telas de Branco envolvem o espectador numa calma luminosa. No fim, é a própria luz que se afirma como tema — simultaneamente material e imaterial, presença que conforta e transcende.



Entre essas duas dimensões — a persistência das imagens e a vibração da luz — lahra introduz o pulso do sóliton. Sua instalação em papel kraft ocupa o espaço como manifestação central desse fenômeno: uma onda única e localizada que atravessa distâncias sem perder a forma. Nesse sentido, encena o próprio princípio da pathosformel — uma força que persiste, carregando sua intensidade através do tempo. Esse movimento se manifesta tanto no mar quanto no espaço, invisível e inaudível — e, no entanto, por meio de uma surpreendente economia de meios, lahra o torna tangível.

Todas as obras em exibição são rastros vivos — de energia, de emoção, de memória. Cada uma captura um pulso, um momento, um lampejo de luz. A própria exposição é concebida como esse rastro: o pequeno evento em que a energia se torna visível antes de desaparecer. No fim, todos esses artistas detêm uma centelha fugidia em forma — como a luz de um corpo celeste que nos alcança apenas depois que sua fonte já se apagou.

JULIA TAVARES



A N A

C L A R A

T I T O



PADARIA, 2025

Vergalhão de aço, argamassa, transferências fotografia

51 x 49 x 44 cm



SEM TÍTULO, 2025

Vergalhão de aço, argamassa, transferências fotografia

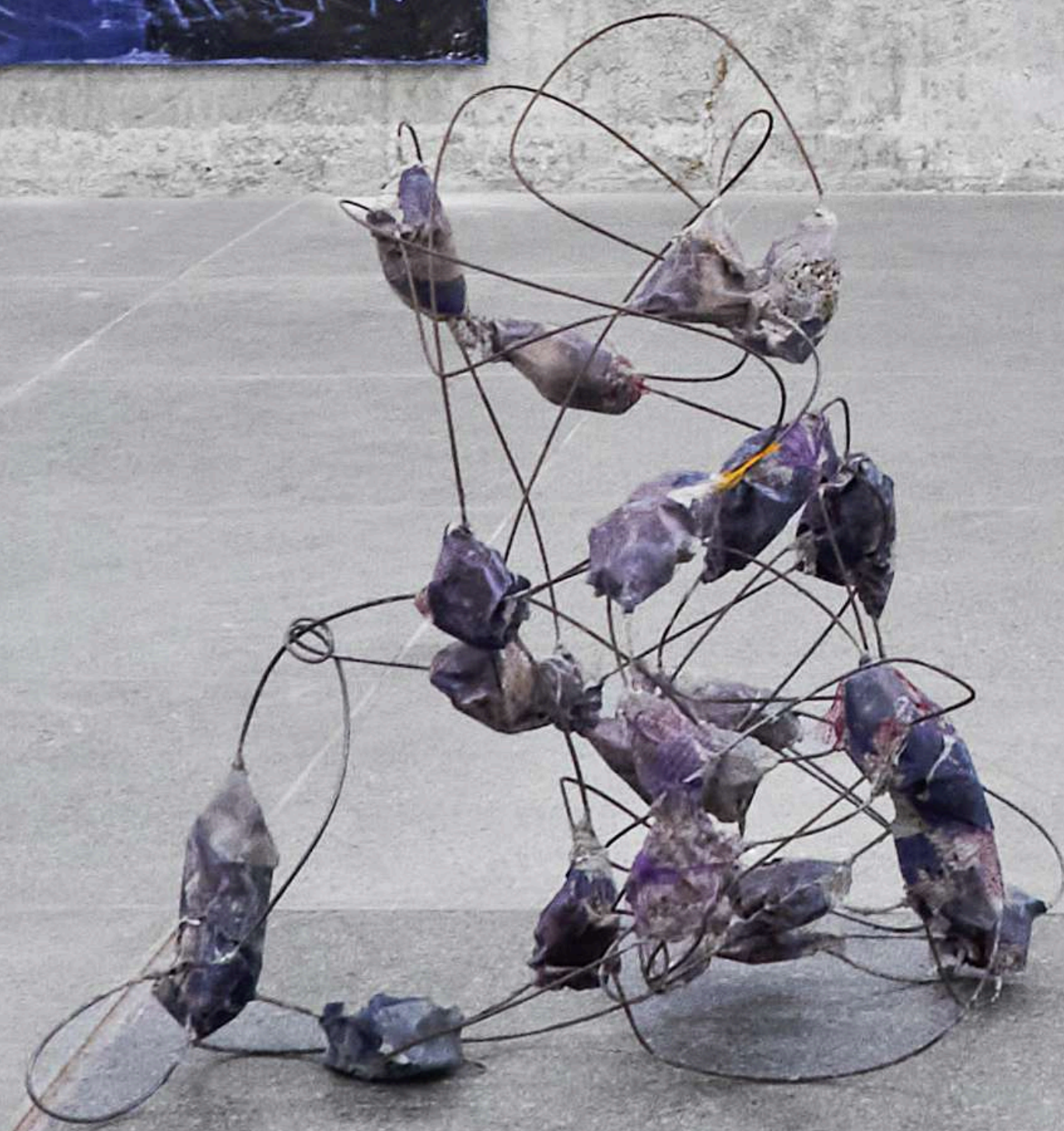
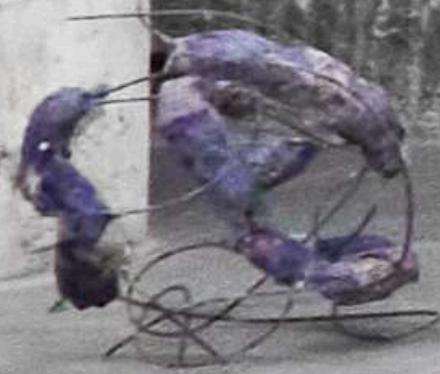
100 x 105 x 72 cm



SEM TÍTULO, 2025

Vergalhão de aço, argamassa, transferências fotografia

73 x 73 x 65 cm





A N T O N I O L E E



TOPOGRAFIA DA RADIAÇÃO, 2025
Óleo sobre tela
120 x 180 cm



C L E M É N T I N E B R U N O





PAISAGEM SUAVE - TIJOLOS VERDES, 2025

Óleo e gesso tradicional sobre madeira

48,5 x 63,5 x 2,5 cm

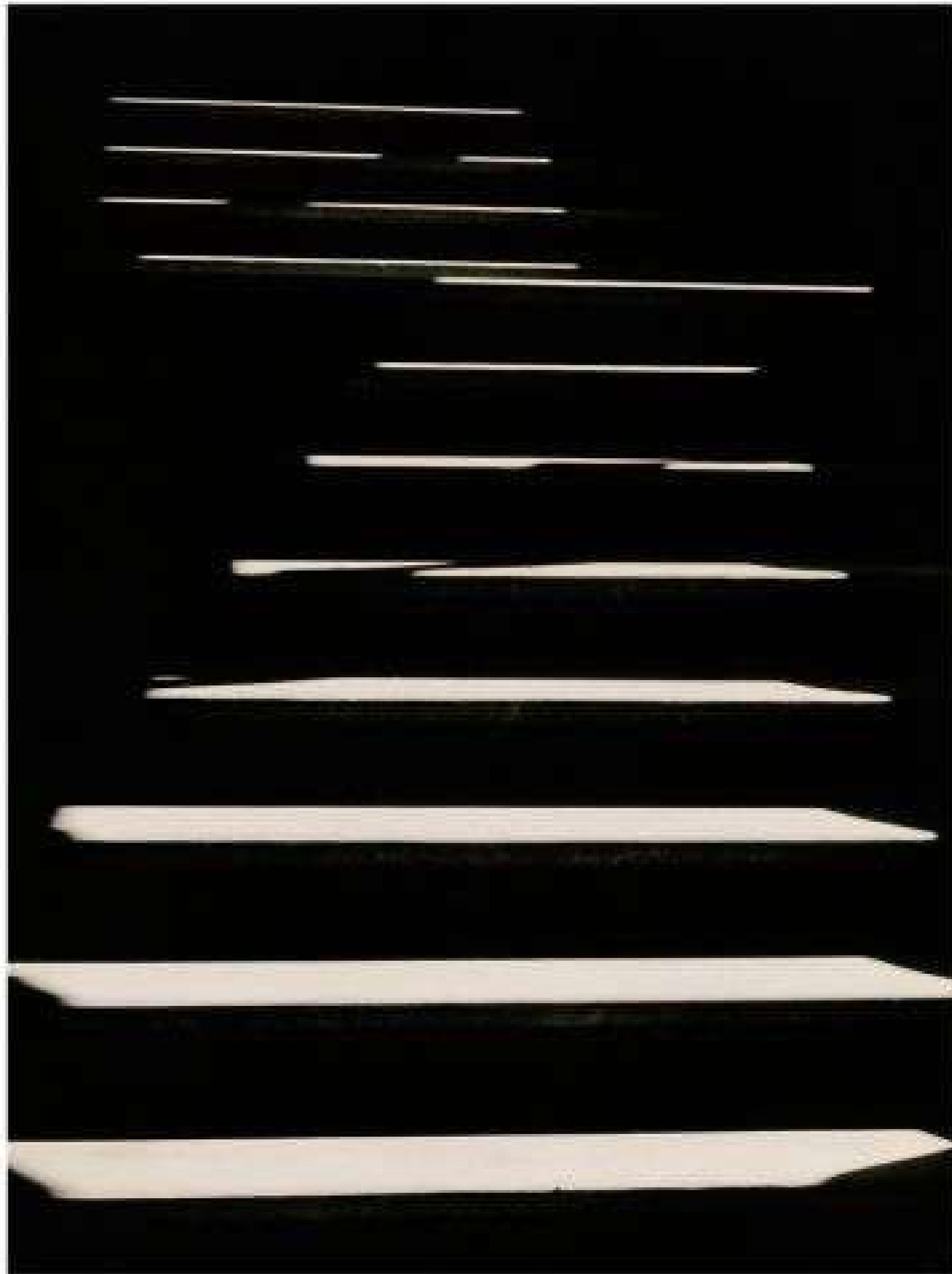


D A N I L O D I P R E T E



MOVIMENTO VISUAL, 1971
Madeira, acrílico e vidro
Assinado e datado 1971 no verso
68 x 48 cm

F O T O C I N E C L U B E B A N D E I R A N T E



Eduardo Enfeldt

ESCALA EM BRANCO, 1957

Tinta mineral sobre premium

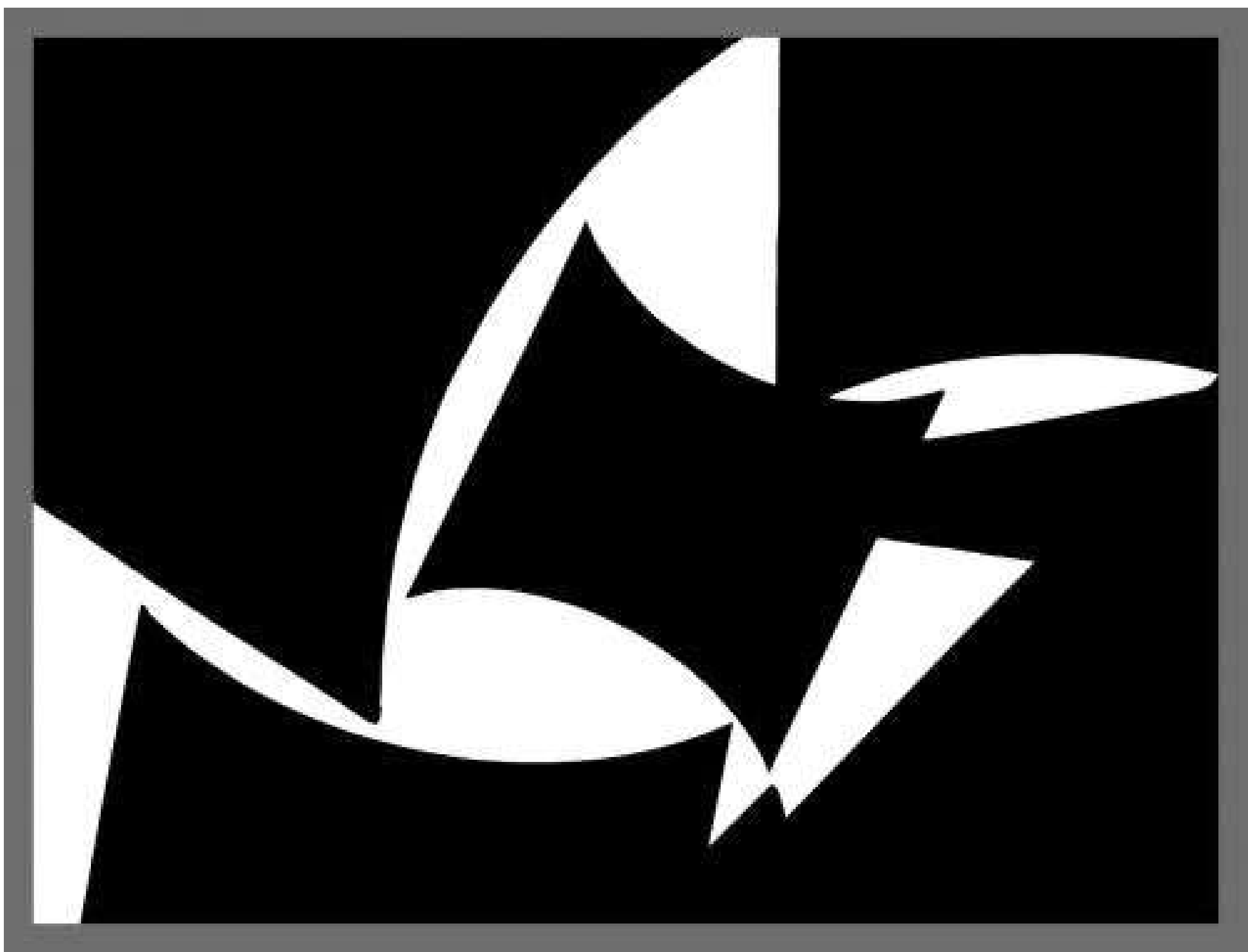
Luster Photo Paper

Edição de 15

40 x 30 cm

José Yalenti
FONTE 9 DE JULHO, 1952
Tinta mineral sobre premium
Luster Photo Paper
Edição de 15
32 x 28,6 cm





Eduardo Salvatore

FORMAS, C.1950

Tinta Mineral sobre premium

Luster Photo Paper

Tiragem de 15

30 x 40 cm



G A B R I E L

B R A N C O



SEM TÍTULO, 2025

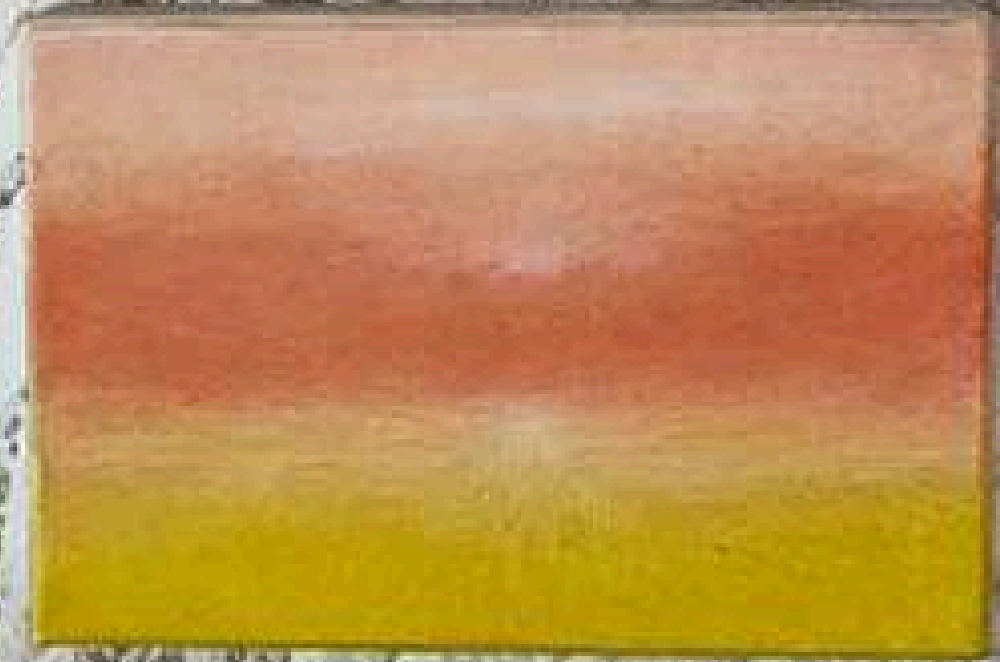
fotografia analógica (impressão Fine Art - 308g

Tiragem 5 + 2 pa

44 x 34 cm

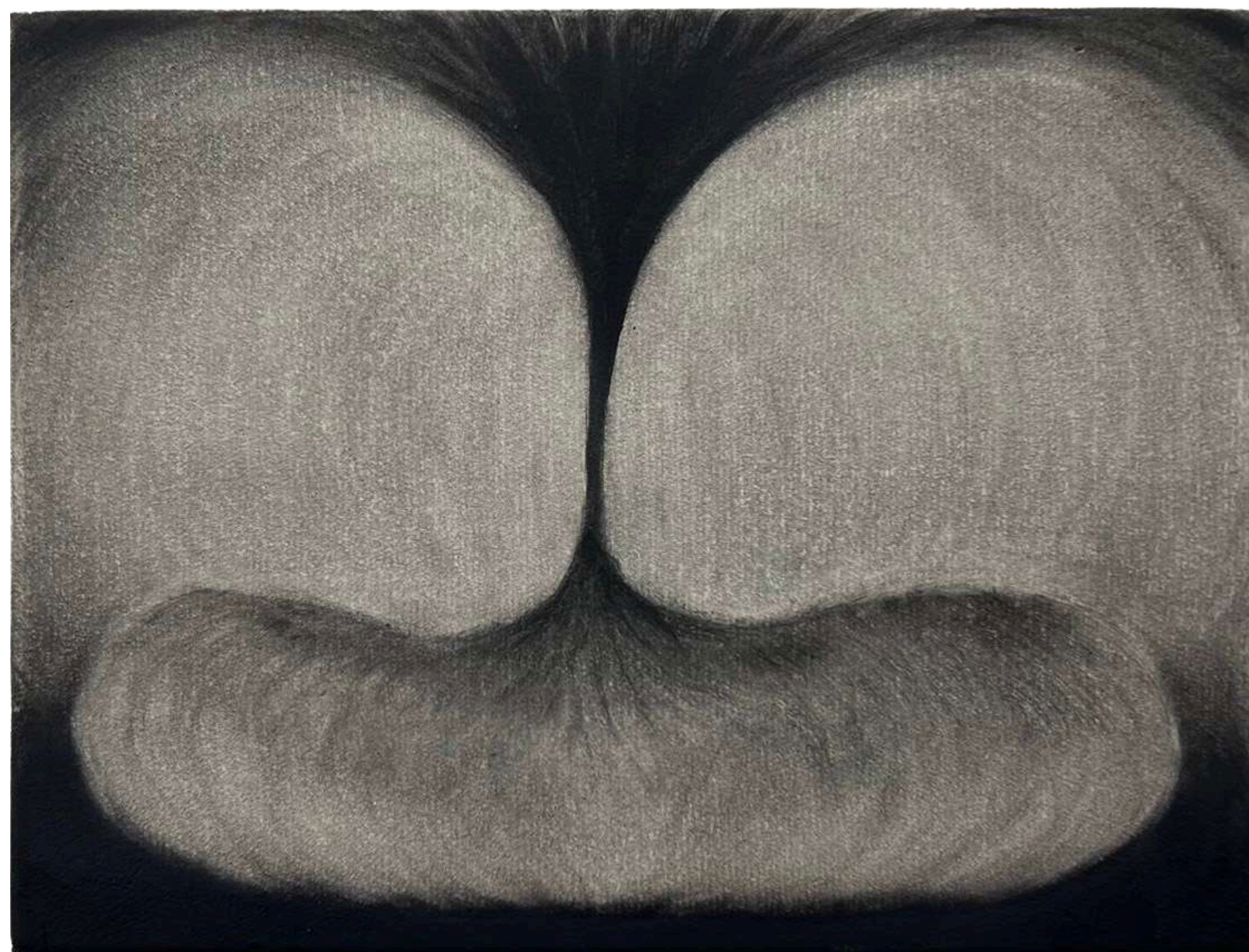


SEM TÍTULO, 2025
Óleo sobre tela e cera de abelha
10 X 15 cm





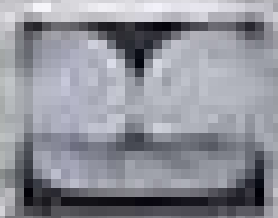
SEM TÍTULO, 2025
Óleo sobre linho e cera de abelha
24 x 30 cm



SEM TÍTULO, 2025
Óleo sobre linho e cera de abelha
15 x 20 cm



SEM TÍTULO, 2025
Óleo sobre tela e cera de abelha
15 x 20 cm





SEM TÍTULO, 2025
Óleo sobre tela e cera de abelha
100 x 70 cm



SEM TÍTULO, 2025
Óleo sobre tela e cera de abelha
100 x 70 cm



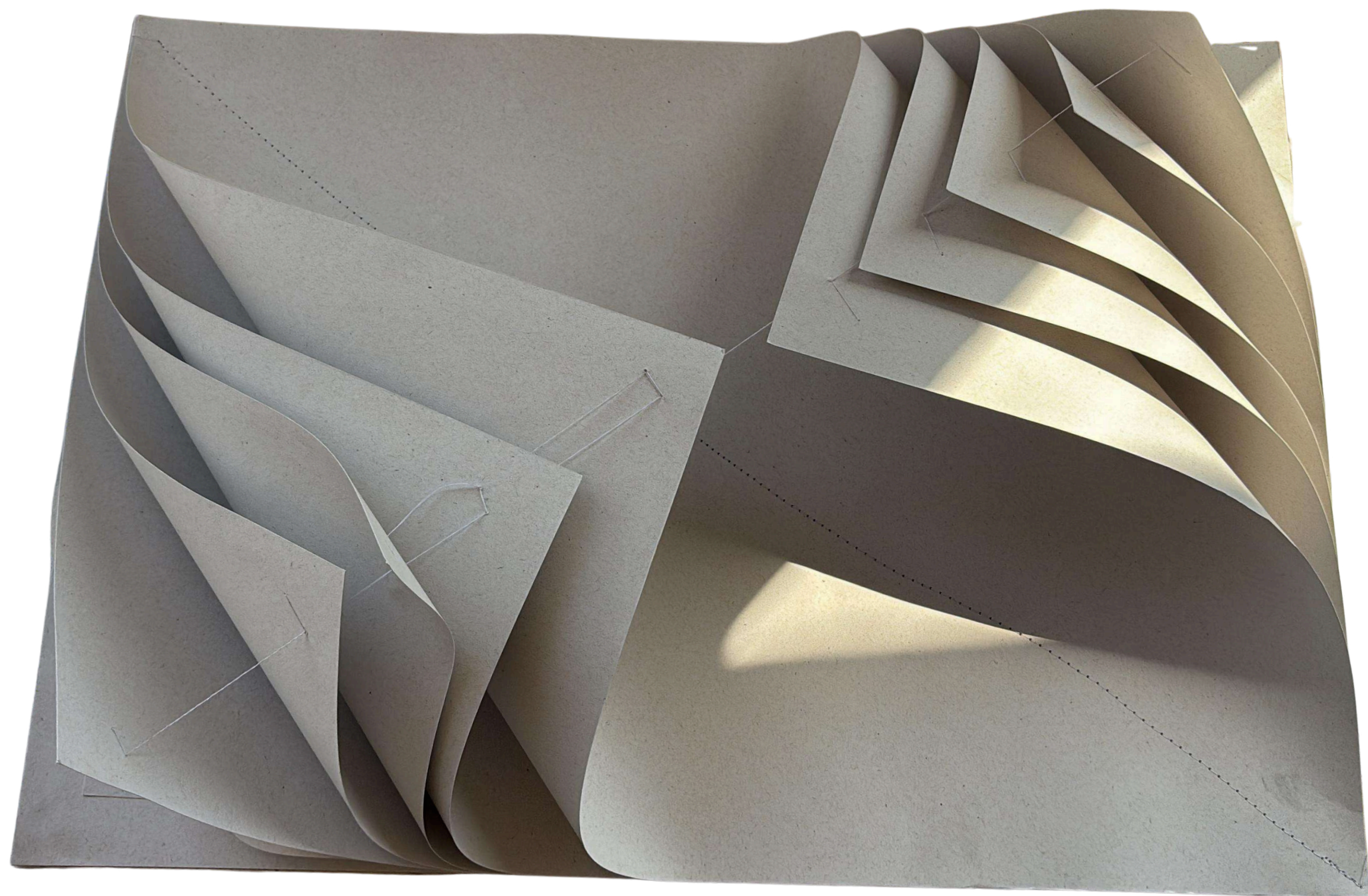


І А Н В А Н І А



CONVERGENTES, 2025
Bordado em ráfia
105 x 98 cm

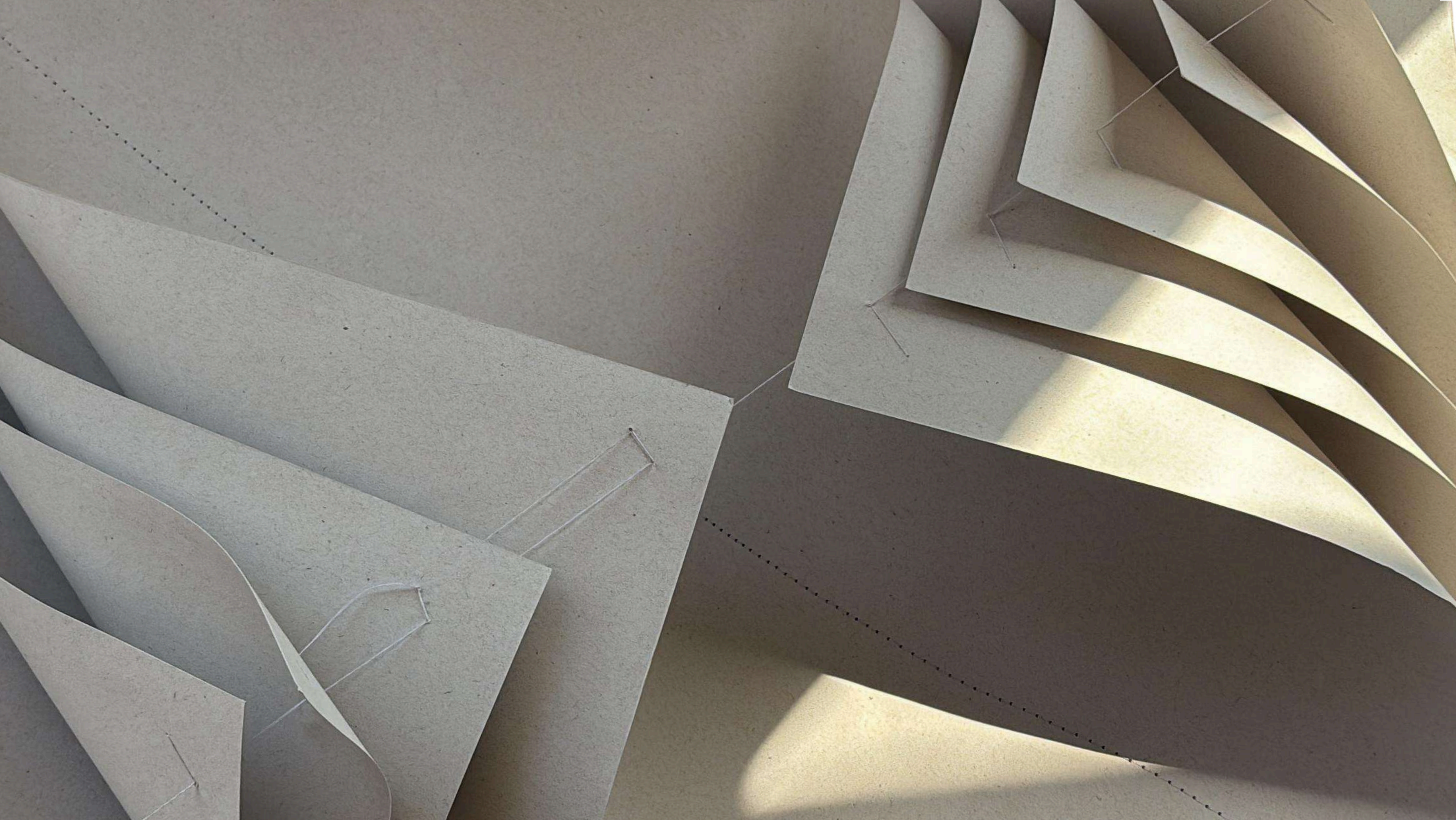




DA SÉRIE OUTRAS FREQUÊNCIAS, REFLEXÃO B, 2025

Costura em papel 90g, linhas

49 x 61 cm





EM TRÊS FOLHAS, DA SÉRIE OUTRAS FREQUÊNCIAS, 2024
Instalação - Papel, cola, resina e fios de alumínio
Dimensões variáveis



M I G U E L N A S S I F



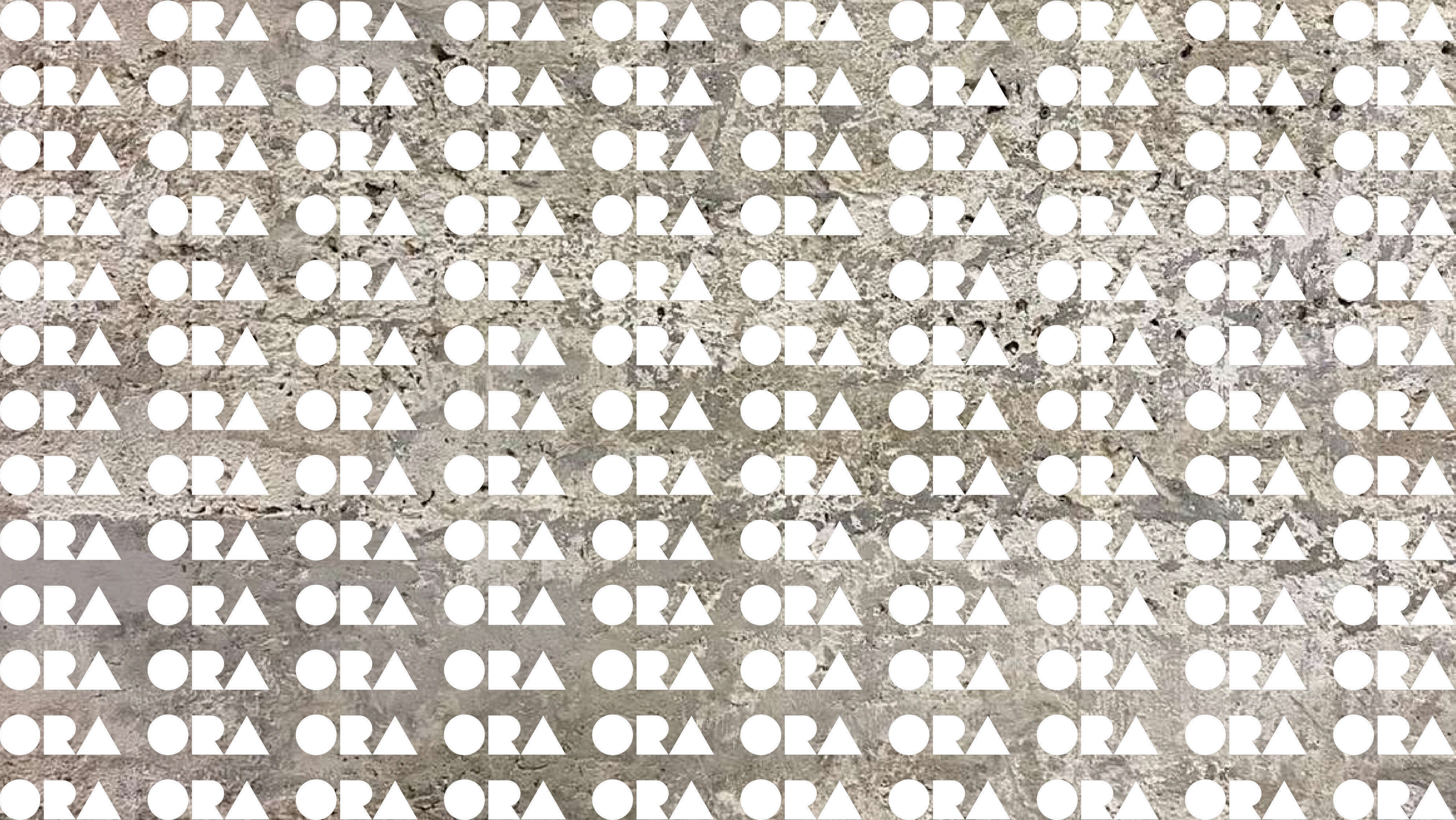


DETECTIVE WORK, 2025

Óleo sobre tela

210 x 270 cm





ora.art

